

Clarissa Rollin Pinheiro Bastos

clarissabastos@puc-rio.br

Leticia Rezende Stallone

leticiastallone@gmail.com

## A co-construção do humor conversacional para encobrir diferentes objetivos interacionais

### The co-construction of conversational humor to mask different interactional objectives

**RESUMO** - Neste artigo, propomos contribuir para os estudos do humor conversacional em encontros informais, numa perspectiva interacional. Mostramos a co-construção do humor, entre amigos, com base no enquadre da brincadeira (Bateson, 2002), tendo em vista a superposição ou laminação dos enquadres (Goffman, 1974; Tannen e Wallat, 2002 [1987]; Gordon, 2008) e observando as pistas de contextualização (Gumperz, 1982), na sequência conversacional. Para isso, consideramos a gravação em áudio de encontros informais entre amigos, nos quais preparam saborosos pratos, totalizando 16 horas de gravação. Evidenciamos que (i) o humor co-construído pode funcionar como uma lâmina que encobre pedidos, (ii) os participantes estão cientes de suas habilidades de manipularem enquadres, usando simultaneamente a brincadeira e algum outro enquadre e (iii) os pedidos encobertos pelo humor não são necessariamente atendidos.

**Palavras-chave:** humor conversacional, conversa informal, enquadre interacional.

**ABSTRACT** - In this paper we intend to contribute to the study of conversational humor in everyday conversation under an interactional perspective. We show the co-construction of humor among friends based on the concept of frame (Bateson, 2002), taking into consideration the lamination of frames (Goffman, 1974; Tannen and Wallat, 2002 [1987]; Gordon, 2008) and contextualization cues (Gumperz, 1982) in conversational sequence. We have used as data the audio recording of three meetings among friends, in which they prepare tasty meals, totalizing 16 hours of recording. We have evidenced that (i) conversational humor may work as a laminated frame masking requests, (ii) the participants are aware of their abilities to manipulate frames, using simultaneously play and another type of interactional frame and (iii) requests masked by play frames are not necessarily attended.

**Key words:** conversational humor, informal conversation, interactional frame.

### Introdução

Relacionado à piada e ao riso, à provocação e ao ridículo, à ironia entre outras manifestações, o humor tem sido objeto de estudo de diferentes áreas do saber tais como a Filosofia, Psicologia, Sociologia, Antropologia, Comunicação (Travaglia, 1990; Norrick, 2003). O humor também tem sido estudado em diferentes tradições de pesquisa dos estudos da linguagem. Estudos linguísticos focados no humor tem se voltado para a compreensão semântica do humor (Norrick, 1986), outros para aspectos pragmáticos (Sperber e Wilson, 1981; Kotthoff, 2003; Attardo, 2001). Estudos voltam-se também para a construção da estrutura e formação do humor na abordagem da Análise da Conversa (Sacks *et al.*, 1974) e, ainda, numa perspectiva interacional focalizam estilos conversacionais, estratégias de envolvimento e a construção do enquadre interativo (Tannen, 1984; Coates, 2007 e outros). As pesquisas, realizadas em diferentes contextos, ainda procuram

ora estabelecer uma tipologia para o humor, ora a piada (Attardo, 1996), ora a ironia (Kotthoff, 2003; Tannen, 1984), a provocação (Straehle, 1993), para mencionar alguns. Esse breve quadro confirma não apenas o grande interesse de pesquisadores pelos estudos sobre o humor, mas também aponta a complexidade desse fenômeno.

Além disso, embora haja um interesse crescente pelos estudos do humor, esse campo de estudo ainda é pouco compreendido nas ciências sociais, seja por não ter sido proposto enquanto conceito até há pouco tempo, seja por enfrentar problemas de “reconhecimento e credibilidade enquanto disciplina acadêmica” (Raskin, 1985, *in* Travaglia, 1990, p. 56; *in* Rosas, 2003, p. 136).

Segundo [Raskin] estes seriam entraves “típicos de campos interdisciplinares, aqui provavelmente agravados pela crença ampla e talvez inconsciente de que nada agradável, divertido seja um assunto respeitável para um campo acadêmico” (Rosas, 2003, p.2).

Acresce ainda que, segundo Rosas,

os primeiros registros conceituais do humor no sentido que hoje lhe damos remontam à data muito próxima dos nossos dias: de fato, o riso não encontrou senão na virada do século XX, com Bergson (1983), a sua primeira teoria mais ambiciosa. Entretanto, a aplicabilidade dessa teoria – e, de resto, da maioria das tentativas de conceituação que a seguiram – é hoje questionada em termos de sua própria validade (Rosas, 2003, p. 2).

Este trabalho é, pois, motivado não só pela necessidade de se explorar o humor enquanto produto da construção humana e, portanto, digno e útil enquanto objeto, como também é motivado pelas ainda poucas contribuições para o estudo do humor conversacional, especialmente em encontros sociais informais, no âmbito da sociedade brasileira.

Neste artigo, propomos contribuir para o estudo do humor numa perspectiva interacional, investigando, particularmente, o humor conversacional em encontros informais entre amigos que se reúnem para saborear pratos por eles preparados. Esses encontros que ocorreram na cidade do Rio de Janeiro, gravados em áudio, ofereceram uma riqueza de material interacional relevante aos estudos de humor conversacional em conversas entre amigos.

Entendemos que o humor conversacional é co-construído a partir das contribuições verbais e não verbais dos participantes da interação. Estes participantes negociam, em conjunto, um enquadre de brincadeira para que ela aconteça. Durante a negociação, os falantes demonstram que compartilham conhecimento acerca das normas do grupo. Assim sendo, o humor não é passível de ser construído por apenas um participante da interação, ele necessita da colaboração do(s) interlocutor(es) envolvido(s).

No âmbito da brincadeira, o enquadre pode ser compreendido como um momento em que se pode desobedecer a determinadas regras sociais e é permitido dizer coisas que não seriam ditas de outro modo, em outro momento. Esta flexibilidade parece dar ao enquadre de brincadeira a possibilidade de funcionar como uma lâmina protetora que mitiga pedidos e ordens, por exemplo.

Procuramos demonstrar em que momentos estas laminações propositais ocorrem e o enquadre que a brincadeira encobre. Acreditamos que este uso da brincadeira enquanto lâmina que esconde outros objetivos é uma característica sociointeracional dos participantes do grupo analisado, que vivem na cidade do Rio de Janeiro, indicando questões culturais que se manifestam nos encontros desse grupo (cf. Stallone, 2009).

Este artigo se organiza da seguinte forma: primeiramente, dialogamos com estudos que se voltam para o humor conversacional, destacando algumas funções interpessoais atribuídas ao humor. Apresentamos, em seguida, os pressupostos teóricos deste trabalho, em que tratamos das noções de enquadre e laminação. Contextualizamos os dados em análise e, então, colocamos em evidência a laminação do enquadre trazendo três segmentos de

conversa entre amigos e demonstramos nossos resultados. Por fim, tecemos as considerações finais.

## O humor conversacional e algumas de suas funções

A maioria dos estudos que trata do humor sob a perspectiva interacional procura entender o humor conversacional e não a piada (Coates, 2007; Crawford, 2003; Davies, 2003; Strachle, 1993; Tannen, 1984). Nesta perspectiva, parte-se do princípio de que o significado de um enunciado é construído e negociado localmente; portanto, entende-se que a significação do humor não apenas emerge da interação e é por ela constituído, mas também constrói e organiza o próprio contexto imediato da interação.

Diferente do humor conversacional, a piada é um humor ritualizado na estrutura de um ato de fala específico. Apesar de ser claramente parte do humor, o humor é uma categoria mais ampla e indefinida. Contar uma piada consiste em proferir um ato de fala específico, uma expressão formulaica que termina com um remate (*punchline*; Coates, 2007) que produz ou pretende produzir o riso.

É evidente, no entanto, que o humor conversacional e a piada tenham características em comum. Conforme Possenti (1987), ambos incidem sobre campos socialmente controversos e para que o texto surta o efeito desejado, a controvérsia deve estar suficientemente popularizada. Apesar das semelhanças, é a principal diferença entre a piada e o humor conversacional que ajuda a defini-lo. O humor conversacional emerge na conversa natural, ao passo que a piada é introduzida por um prefácio e se caracteriza pela sustentação do piso conversacional por apenas um dos falantes.

O piso conversacional é um dos aspectos da estrutura de participação em trocas interacionais. Caracteriza-se, principalmente, pelo direito de acesso a um turno de fala que pode ser (ou não) atendido pelos demais participantes que ocupam a posição de ouvintes. O piso é, assim, interacionalmente produzido, uma vez que falantes e ouvintes precisam trabalhar em conjunto para mantê-lo (Schultz *et al.*, 1982).

O humor conversacional resulta das contribuições dos interagentes de modo colaborativo, conferindo significado(s) à atividade em curso, o que implica a união e o envolvimento dos participantes. Já numa piada, a sustentação do piso conversacional sem interrupções por um único falante, por tempo suficiente para chegar ao remate, pode interromper o andamento da troca de turnos natural em conversas espontâneas. Portanto, nem sempre a piada introduzida numa troca conversacional é bem-vinda.

Segundo Coates (2007), o humor conversacional é essencialmente colaborativo, ou seja, só é estabelecido quando existe um acordo entre os participantes envolvidos na interação. O compartilhamento do conhecimento é grande responsável pela identificação da proposta de brincadeira e pelo alcance desse acordo.

Ao olhar para o humor conversacional, através da análise de conversas informais entre amigos, a autora argumenta que a conversa, como uma brincadeira, compartilha características com a música, particularmente com o jazz, dando forte importância à característica colaborativa dos dois.

Crawford (2003) e Davies (2003) consideram a solidariedade como uma das principais funções do humor. Crawford, ao fazer uma revisão crítica de pesquisas que tratam do gênero e humor, considera simplista a classificação do humor entre as mulheres com a função de estabelecer solidariedade e construir intimidade, e o humor entre os homens, funcionando como uma forma de competição por status. Para a autora, estas classificações são remanescentes de uma abordagem amplamente criticada quanto às diferenças entre gêneros. Crawford (2003) acredita no humor situado e postula que a forma ou função do humor são dependentes do contexto em que se inserem.

Ao analisar as interações entre alunos de inglês como segunda língua e falantes nativos, Davies (2003) postula que a comunicação entre nativos e alunos é alcançada indiretamente a partir de construtos co-construídos de piada e humor conversacional. A comunicação acontece quando estes participantes demonstram um entendimento ao entrar no enquadre de brincadeira que foi proposto pelo outro. Para a autora, o entendimento harmonioso visto nos seus dados explica porque a habilidade de se participar de uma interação de humor conversacional ou de uma piada é tão importante para a criação e o estabelecimento de *rapport*.

Outra função do humor numa interação conversacional, que se apoia na diferença cultural, é a construção de alianças entre participantes. Para Straehle (1993), que também analisa dados de conversas entre amigos, as alianças entre os participantes são formas não ameaçadoras de se construir *rapport* (Straehle, 1993, p. 211). A autora acredita que o humor, mais especificamente a provocação bem humorada, é uma forma socialmente aceita de se mostrar a combinação peculiar entre amizade e antagonismo. Este humor, acrescenta, varia de acordo com a cultura em que está inserido.

Coates (2007) também postula a capacidade do humor de criar solidariedade. Para a autora, uma das grandes vantagens do discurso de humor é que esse discurso nos permite explorar, de outros modos, assuntos difíceis de serem mencionados socialmente, tais como tabus e críticas de forma a manter a solidariedade existente entre o grupo. Coates (2007) também analisa o riso e acredita que ele permite aos participantes, quando num enquadre de brincadeira, sinalizarem tanto o seu constante envolvimento em relação ao que está sendo dito, quanto a sua constante presença no piso conversacional. O riso também é reconhecidamente responsável por marcar o final de um enquadre de brincadeira. No entanto, apesar do riso ser a forma mais culturalmente estabelecida de se identificar o humor nas interações, ele também pode ser ambíguo

e determinar uma falta de entendimento quanto ao que está sendo dito.

Na análise de conversas durante um jantar de Ação de Graças, Tannen (1984) percebe o uso de diferentes formas de humor: o sarcasmo, que considera ter uma intenção hostil; a ironia, que pode incitar um sorriso, e a piada cujo principal objetivo é entreter. Tannen (1984) acredita que a distinção entre atos irônicos e não irônicos não é trivial, pois se trata de uma distinção que esbarra no subjetivo e, portanto, a autora opta por entender um enunciado como irônico se: (i) não parecer literal e (ii) parecer ter a intenção de entreter.

A brincadeira bem sucedida, segundo a autora, reside em um construto colaborativo que envolve uma interação complexa entre aquele que tem uma intenção humorística e aqueles com o potencial de resposta. A função do enquadre de brincadeira é abrangente e varia de acordo com a situação em que ocorre, podendo servir como mitigador em uma situação de discordância e também como instrumento para construção de *rapport*, entendido como uma conexão interna e mesmo emocional que une uma pessoa a outras, assim como a outros lugares, coisas, atividades, ideias, memórias e palavras (Tannen, 1989).

Crawford (2003), Kotthoff (2003), Davies (2003), Straehle (1993) e Coates (2007) acreditam que a criação e o estabelecimento de solidariedade são a principal função do humor. Trata-se de uma inevitável consequência da co-construção do enquadre de brincadeira já que os interagentes que colaboram na fala humorística necessariamente demonstram como estão bem afinados entre si.

### Pressupostos teóricos

Os estudos em Sociolinguística Interacional (SI), abordagem teórica para o estudo do humor conversacional a que nos propomos neste trabalho, derivam da necessidade de se pensar as relações sociais em consonância com as linguísticas. A SI tem sido descrita como o estudo do comportamento verbal em relação às características sociais dos falantes, seus *backgrounds* culturais e as propriedades ecológicas do ambiente em que a interação ocorre (Gumperz, 1971, 1982).

Nesta perspectiva, a comunicação é centrada tanto no falante quanto no ouvinte e acontece no espaço interacional entre os participantes, que constroem e negociam significados tendo em vista os aspectos contextuais e relacionais. Os interagentes levam para a situação seus conhecimentos prévios, adquiridos social e culturalmente, e, com base nesses esquemas de conhecimento, enquadram o que acontece, sinalizando as atividades em que estão engajados por meio das pistas de contextualização utilizadas (Goffman, 2002 [1981]; Gumperz, 1982, 2002; Tannen e Wallat, 2002 [1987]). Essas pistas tem função de contextualização e podem ser quaisquer traços presentes

na superfície linguísticas, bem com os sinais não verbais (Gumperz, 1982, 2002).

Considerando, conforme Ribeiro e Hoyle (2002), que o enquadre é essencial para qualquer atividade de fala e está associado à organização da experiência na vida do dia a dia, fazemos, nesta seção, uma breve apresentação acerca do conceito de enquadre com base em Bateson (2002 [1972]), Goffman (1974), Tannen e Wallat (2002 [1987]) e Gordon (2008), central ao fenômeno que examinamos neste trabalho.

Ao analisar uma interação entre macacos, Bateson (2002 [1972]) inaugura a utilização do termo como um conceito psicológico e não físico que canaliza o entendimento da interação a partir de metagensagens compartilhadas entre participantes. Os enquadres psicológicos estão relacionados com o que chamamos de *premissas*. O autor postula que o enquadre pode ser pensado, matematicamente, como um conjunto, onde determinados elementos são ou não pertencentes a ele, e, acrescenta que, para que se entenda a metagensagem compartilhada pelos participantes na interação, é necessário que se volte para as pistas de contextualização que emitem sinais prosódicos e extralinguísticos.

Bateson (2002 [1972]) identifica a complexidade do enquadre de brincadeira ao perceber que os mesmos sinais que transmitem a metagensagem de brincadeira são também transmitidos no combate. “As ações de brincadeira denotam ações de não-brincadeira, mas não denotam o que as ações que representam denotariam” (Bateson, 2002 [1972], p. 180, tradução nossa). Para o autor, esta análise aponta para a natureza ambígua e paradoxal da brincadeira. Ao mesmo tempo, indica, ainda, que o enquadre de brincadeira é tão instável que pode ser rapidamente transformado numa interação séria ou vice versa (Bateson, 2002 [1972], p. 182).

A partir do termo proposto por Bateson (2002 [1972]), Goffman (1974) sugere que os enquadres são laminados, isto é, podem acontecer simultaneamente em diferentes níveis. Para Goffman, a laminação de enquadres é um fenômeno discursivo co-construído na interação que, no dia a dia, pode ocorrer com qualquer tipo de enquadre. Goffman (1974) propõe que, na maioria das interações, os participantes não mudam simplesmente de enquadres e *footings*, eles incorporam uns enquadres a outros, laminando experiências. O autor acredita que:

uma mudança de *footing* implica uma mudança no alinhamento que assumimos para nós mesmos e para os outros presentes, expressa na maneira como conduzimos a produção ou a recepção de uma elocução. Uma mudança em nosso *footing* é um outro modo de falar de uma mudança em nosso enquadre dos eventos (Goffman, 2002 [1981], p. 113).

Apoiadas em Goffman, Tannen e Wallat (2002 [1987]) definem o enquadre como um “termo que se refere ao sentido que os participantes constroem acerca do que está sendo feito e reflete a noção de Goffman de *footing*:

o alinhamento que os participantes estabelecem para si e para os outros em uma situação” (Tannen e Wallat, 2002 [1987], p. 212).

O enquadre para as autoras

é uma noção que se refere à definição do que está acontecendo em uma interação, sem a qual nenhuma elocução (ou movimento ou gesto) poderia ser interpretada. Para compreender qualquer elocução, um ouvinte (e um falante) deve saber dentro de qual enquadre ela foi composta: por exemplo, será que é uma piada? Será que é uma discussão? (Tannen e Wallat, 2002 [1987], p. 188)

A noção de esquemas de conhecimento é usada por essas autoras para “se referir às expectativas dos participantes acerca de pessoas, objetos, eventos e cenários no mundo, fazendo distinção, portanto, entre o sentido desse termo e os alinhamentos que são negociados em uma interação específica”. Elas demonstram como essas duas noções se articulam de tal forma que “uma discrepância nos esquemas gera uma mudança de enquadres” (Tannen e Wallat, 2002 [1987]).

Tannen e Wallat (2002 [1987]) usam pistas e marcadores linguísticos como base estrutural para analisar a fala em interação pediátrica. Demonstram que:

as discrepâncias nos esquemas de conhecimento podem dar origem a mudanças de enquadre que exercem uma pressão considerável sobre a pediatra que examina uma criança na presença da mãe e de residentes através de um vídeo que está sendo gravado (Tannen e Wallat, 2002 [1987], p. 185).

As autoras identificam nesta interação pediátrica um conflito de enquadres resultante de esquemas discrepantes. A pediatra se dirige à criança, à mãe e aos residentes que vão assistir ao vídeo e, em função da diferença do esquema de conhecimento de cada um destes interagentes, é necessário que a pediatra altere o registro, precisando fazer uma mudança de *footing* de acordo com cada um de seus interagentes. Com a criança, ela usa o *maternalês*, caracterizado por mudanças exageradas na altura da voz ou pela prosódia marcada; com os residentes, através de um vídeo, a pediatra se vale de um registro de relato, explicando o que está fazendo ao examinar a paciente e, com a mãe, a pediatra faz uso do registro convencional da conversa.

Tannen e Wallat (2002 [1987]) apontam momentos em que, ocasionalmente, a pediatra escorrega entre um enquadre e outro. Por conta da dificuldade de negociar os múltiplos enquadres em que se encontra, a pediatra usa termos lúdicos para perguntar à criança se ela comeu creme de amendoim, mas o faz com a entonação que indica seriedade, como a utilizada quando se dirige aos residentes. Nestes momentos, dois enquadres estão ocorrendo simultaneamente, porém de forma não intencional. As autoras se referem a este “escorregar” por entre enquadres como *leaky frames* (Tannen e Wallat, 1987;

Gordon, 2008). Chamaremos esse tipo de enquadre como enquadre simultâneo acidental.

Gordon (2008) também percebe, nas interações entre pais e filhos, que os enquadres simultâneos acidentais podem ser intencionais e dá a eles o nome de *blended frames*, a que nos referiremos como enquadres simultâneos intencionais. Observando que existem momentos em que “as escorregadas” entre enquadres ocorrem propositalmente, a autora compreende, assim, que os enquadres simultâneos intencionais, são uma estratégia utilizada por pais para imprimir um tom de brincadeira a uma atividade que se espera que a criança realize. Isso significa que essa estratégia é utilizada para que o “trabalho/atividade pareça brincadeira para as crianças” (Gordon, 2008, p. 323), na tentativa de controlar o comportamento das crianças.

De acordo com a autora, num momento em que o enquadre é simultânea e intencionalmente laminado, o que gera duas definições da situação sobre o que está acontecendo, a metamensagem de cada enquadre é mais específica do que a do que o contém, o que refina ainda mais a natureza do enquadre de brincadeira.

A noção de enquadre, portanto, é dinâmica e deve ser compreendida numa perspectiva relacional dos interagentes no contexto interacional.

## Dados

Os dados de estudo deste trabalho originam-se da gravação em áudio de encontros informais entre amigos na cidade do Rio de Janeiro, que se reúnem regularmente para saborear pratos preparados por eles. Essas reuniões, que já ocorrem há dois anos, acontecem regularmente, em rodízio, na casa de cada um, e neles cada participante cozinha um prato diferente, saboreados por todos durante um dia inteiro. Os dados foram coletados nos anos de 2007 e 2008, totalizando 16 horas de conversas, ocorridas em situações naturais de fala, gravadas em áudio. Esses encontros ofereceram uma riqueza de material interacional social relevante aos estudos de humor conversacional em conversas entre amigos.

O grupo é composto por oito participantes, sendo eles três casais e dois participantes solteiros. Todos são moradores da cidade do Rio de Janeiro, mas um dos participantes, solteiro, é suíço. A faixa etária varia dos 30 aos 55 anos. Foram adotados nomes fictícios para preservar a privacidade dos participantes gravados.

Guga e Jamil são diretores de produção de uma empresa líder no mercado de comunicação, Marco é gerente de uma editora de livros e Hugo (suíço) presta serviço para uma empresa suíça no Brasil. Nas duas primeiras gravações, no entanto, Hugo estava desempregado.

Quanto às mulheres, Marcela é professora e esposa de Guga. Aurora, esposa de Jamil, é universitária, estudante de preservação do patrimônio cultural. Dália, esposa de Marco, é fonoaudióloga e trabalha duas vezes

por semana num posto de saúde, além de dar aulas de Tai chi chuan diariamente. Clara é funcionária da mesma empresa de televisão e comunicação que Guga e Jamil e trabalha como produtora.

Contemplamos neste trabalho três momentos, um de cada encontro, em que os amigos constroem o humor para encobrir pedidos em conversas informais. Esse recorte parte, portanto, de um estudo mais amplo sobre a construção do humor em conversas entre amigos, e foi norteado pelos fenômenos que se mostraram mais relevantes, tendo em vista a nossa proposta. Na análise, foram observadas, na sequência interacional, as pistas de contextualização utilizadas pelos participantes na construção do enquadre da brincadeira que encobria um pedido. Essas pistas podem ser de natureza linguística (por exemplo, tópico, registro, escolha lexical), paralinguística (por exemplo, pausas, tom e ritmo da fala) e ainda não verbal (por exemplo, gestos, posturas corporais). Manifestam-se em decorrência da avaliação do falante sobre os fatores sociais da interação: os propósitos, as relações entre os participantes e formalidade do encontro. Como não possuem valor universal, devem ser vistas e analisadas em relação ao processo da comunicação e ao contexto imediato da interação discursiva (Gumperz, 1982, 2002).

## Análise

Procuraremos mostrar, nessa seção de análise, como o humor, construído na fala em interação entre amigos, em momentos em que ocorrem enquadres simultâneos e intencionais, funciona para encobrir pedidos. Através das pistas de contextualização observadas nas trocas interacionais, procuramos entender a utilização intencional da laminação de enquadres.

O primeiro segmento analisado trata-se de um momento em que Marcela quer que Guga traga um copo de cerveja para ela. É importante lembrar que Marcela e Guga são casados e que o encontro se passa na casa dos dois.

O segmento 1 se inicia com a tentativa de Marcela de estabelecer o papel de Guga como [princinho], [maridinho], [dono do lar] e [que cuida de tudo]. A partir destas escolhas lexicais, Marcela parece, através das imagens que cria para o interlocutor, preparar um enquadre que coloca Guga como o marido perfeito que cuida de tudo na casa. Ao adotar a brincadeira de cena de casal tão comum entre as crianças, ela estabelece um ambiente propício para pedir uma cerveja ao marido. Neste enquadre, a expectativa social é a de que o marido faça o que a esposa pede com tanto carinho.

A sutileza de Marcela, que poderia ser interpretada, num primeiro momento, como carinhosa não só pela escolha do léxico com “princinho”, “maridinho”, mas também pelo uso dos diminutivos, é questionada numa observação mais atenta. O uso de dois diminutivos tão próximos sugere um exagero que imprime uma

**Segmento 1:** “[princinho, você é meu mari-maridinho↑]”.

Participantes: Marcela, Aurora, Guga, Dália e Marco.

1	Marcela	princinho, você é meu mari-maridinho↑ (. ) dono da casa bonitinho manda- dono do lar que cuida de tudo↑
2		
3	Aurora	i:: já vi que vai pedir ALguma coisa
4	Marco	[nessas horas eu sou uma visita]
5	Guga	[sou↓ você é meu-minha lilin] dona de casa↑
6	Aurora	Hahah
7	Marcela	pe:::ga uma cervejinha para sua mulherzi::nha, meu maridinho↑
8	Guga	AH sabia↓ eu estava pensando em pedir a mes-isso MESMO para a minha mulherzinha
9		
10	Aurora	gente EU vou la pegar cerveja
11	Dalia	[eu também quero]
12	Marco	[traz pra mim]

necessidade de agradar o outro, a polidez por si só já é “anti-espontânea” (Kerbrat-Orecchioni, 2000, p. 51), mas o seu exagero acaba contribuindo como pista do surgimento de um outro interesse velado.

É interessante perceber também, em função dessas pistas, que antes mesmo de haver uma resposta à tentativa de estabelecimento desta enquadre, Aurora e Marco identificam uma lâmina abaixo do enquadre pretendido por Marcela.

Aurora no turno imediatamente seguinte: [i:: já vi que vai pedir ALguma coisa] (l.3), E Marco abaixo: [nessas horas eu sou uma visita] (l. 4). Aurora percebe que a entrada no enquadre de brincadeira de casal proposta por Marcela é apenas uma lâmina que envolve o pedido que virá logo em seguida e anuncia isso no seu turno, já Marco parece ir além. Marco dá a Guga uma sugestão de como responder a pergunta de Marcela e, a partir dela, não entrar no enquadre proposto por Marcela.

A resposta de Guga que vem no turno seguinte sobreposta ao turno de Marco indica que ele não ouviu a sugestão de Marco. Guga parece perceber que se trata de um enquadre de brincadeira que figuraria como lâmina para um pedido, mas, a princípio, opta por entrar no enquadre sem esclarecer que já sabe que se trata de uma estratégia para um pedido: [sou↓ você é meu-minha lilin] dona de casa↑] (l.5). Na negociação da brincadeira de casal, Guga não só entra no enquadre como parece querer mantê-lo a partir do modo como se refere à Marcela: [dona de casa] (l.5). Esta manutenção feita por Guga confirma a sua entrada no enquadre e, ao mesmo tempo, confere a ele o papel de marido da dona de casa, o que pode indicar que Guga pretende inverter os papéis com Marcela. Socialmente, no lugar de marido da dona de casa

é ele quem é servido e, talvez por isso ele estenda a ideia de que Marcela é a dona de casa, preparando a interação para o seu pedido.

Outra confirmação dada por Guga de que já havia identificado a proposta de Marcela se evidencia na linha 8: [AH sabia↓], depois que Marcela faz o pedido de fato na linha 7: [pe:::ga uma cervejinha para sua mulherzi::nha, meu maridinho↑]. Note-se, ainda, que nesta elocução Guga ratifica o enquadre de casal proposto por Marcela quando usa [minha mulherzinha] e faz, agora mais claramente, a inversão de papéis com Marcela, tentando alcançar o seu objetivo.

Apesar de conseguirem que Aurora se disponibilize para pegar as cervejas: [gente EU vou la pegar cerveja] (l.10), percebemos que nenhum dos dois – Marcela nem Guga – são bem sucedidos em relação aos seus pedidos. Ambos imprimem um enquadre de brincadeira ao pedido subsequente, mas o objetivo de ter a cerveja entregue pelo outro não é alcançado. Acreditamos que este resultado se dê devido à capacidade dos dois de identificarem as estratégias manipulativas de laminação de enquadres.

Como Gordon (2008) trabalha com dados de conversas entre pais e filhos, os enquadres simultaneamente laminados identificados por ela não parecem ser compartilhados entre os pais e as crianças, pois os pais constroem esses enquadres intencionalmente de modo a obter da criança um comportamento desejado por eles. Neste estudo, no entanto, lidamos com adultos que estão cientes das suas capacidades de manipularem enquadres, portanto, os objetivos maquiados pela presença do humor podem não ser tão facilmente alcançados, mas vem à tona e contribuem para a preservação do envolvimento e da harmonia na interação.

**Segmento 2.** “hora de tirar a MEsa↑”

Participantes: Aurora e Marco.

1	Aurora	alo::u alo::u minha gente.. sentalá, levantalá, [levantalá (.) hahah] hora
2		de tirar a MEsa↑
3	Marco	[HÁ HÁ si:lvio (.)]
4	Aurora	o- os meninos levam os copos e as meninas levam os pratos
5	Marco	opa. si-silvio será que eu posso tirar esse copo↑

O segmento 2 se passa na casa de Aurora. Nele, ela tem um objetivo claro: quer que os demais participantes a ajudem a tirar a mesa. Por ter cedido a casa para o encontro dos amigos, parece que Aurora sente a liberdade de pedir a ajuda de todos, mas mesmo assim, não o faz diretamente.

Aurora inicia a interação com elementos comuns à brincadeira tais – imitação e imagens - como foi sugerido por Tannen (1989). Nas linhas 1 e 2, a partir de imagens, Aurora imita o apresentador Silvio Santos: [alo::u alo::u minha gente.. sentalá, levantalá, [levantalá (.) hahah] hora de tirar a MEsa↑]. A brincadeira parece se estabelecer por dois motivos. Em primeiro lugar, pela imitação propriamente dita, a imitação é elemento característico do humor. Segundo Bergson (1983), somos propensos à imitação quando nossos gestos tornam-se mecânicos, e incitamos

o riso toda vez que damos a impressão de ser uma coisa não-viva e mecanizada. Silvio Santos aparece na televisão todos os domingos e seus gestos mecanizados se perpetuam por entre as mentes dos telespectadores, o que faz dele um personagem especialmente propenso à imitação. Em segundo lugar, o enquadre de brincadeira parece se estabelecer também pela quebra de expectativa do interlocutor. Quando os demais participantes se dão conta de que aquela elocução de Aurora é uma imitação de Silvio Santos, suas expectativas são criadas a partir das características do apresentador que neste momento seria dizer “senta lá, senta lá”. Quando Aurora lhes propõe “levanta lá, levanta lá” esta expectativa é quebrada, e, acreditamos, é uma das responsáveis por gerar o riso neste segmento. Todas estas estratégias, conscientes ou não, parecem fazer

**Segmento 3.** “CORRENTE É sacana:gem”.

Participantes: Aurora, Dália e Marcela.

1	Aurora	ah: escuta aqui
2	Marcela	[hum]
3	Aurora	o que que foi aquel- aquela corrente que você mandou↑ (.) [gente]
4	Dália	[que corrente↑]
5		
6	Marcela	[eu não recebi]
7	Aurora	[aquele email] dos reis magos
8	Dália	[ah:] (.) hahah- mandei para você também↑
9	Aurora	SIM↓ eu li aquela MERDA até o FIM
10	Marcela	[hahah já fez merda de novo]
11	Dália	[ih gente hahah] eu man- foi > semquerer<
12	Aurora	olha eu adoro receber email e- eu (.) mas CORRENTE É sacana:gem
13		>num manda mais não<
14	Dália	mas eu- [hahah]
15	Aurora	[me manda piadinha curti-] de três linhas mas corrente eu
16		não vou abrir mais não↓

parte de uma tentativa de laminar um outro enquadre que diz “venham me ajudar a tirar a mesa agora”.

Outra questão importante neste segmento é a resposta de Marco, sabemos que para que um enquadre de brincadeira se estabeleça, de fato, é necessário que os interlocutores negociem e concordem entre si que assim será. Inicialmente, na linha 3, Marco demonstra que entendeu a brincadeira e permanece nela quando diz: [[HÁ HÁ si:lvio (.)]], Em seguida, parece ratificar, tanto a brincadeira quanto o pedido de Aurora quando levanta e começa a tirar a mesa chamando Aurora de [silvio], na linha 5: [opa. si-silvio será que eu posso tirar esse copo↑]. Este diálogo construído pelos dois funciona como lâmina que encobre o pedido de Aurora para ajudarem-na a tirar a mesa.

No segmento 3, Marcela, Dália e Aurora encontram-se na casa de Marcela e conversam sobre a troca de e-mails que ocorreu entre elas. Aurora questiona uma corrente de emails enviada por Dália.

Aurora inicia a interação chamando a atenção das outras participantes na linha 1: [ah: escuta aqui]. Marcela se mostra atenta (l.2) e em seguida Aurora lhe pergunta sobre a corrente que Dália a enviou por e-mail. Nota-se que Aurora não gostou de receber a corrente e parece querer tirar satisfação com Dália na linha 3 quando pergunta “o que foi a corrente?”

Inicialmente, Dália não parece saber do que trata o questionamento de Aurora (ls.4 e 5), mas depois da explicação de Aurora (l.7), Dália reconhece o assunto e tenta se justificar, primeiramente verificando se havia mandado mesmo a corrente para Aurora (l.8) e, em seguida, na linha 11, explicando que foi sem querer.

Dália não é usuária frequente de computador e comete, portanto, falhas que são consideradas engraçadas para as demais participantes que tem maior habilidade. Marcela remete a esta característica que fica clara com o marcador “de novo” (l.10). O enquadre da brincadeira se estabelece com o riso de Marcela e Dália.

O humor parece funcionar aqui como uma estratégia para segregar Dália do grupo, mas quando a própria aceita a brincadeira e ri da própria dificuldade, a brincadeira funciona como um elemento que traz envolvimento conversacional na interação.

Neste momento, Aurora aproveita a brincadeira estabelecida e faz um pedido a Dália: [me manda piadinha curti-] de três linhas mas corrente eu não vou abrir mais não↓]” (l.16).

Apesar de ser um pedido indireto, percebemos que Aurora pretende demonstrar à Dália que ela não quer receber este tipo de email e aproveita a brincadeira para fazer o pedido. Não sabemos como ocorre a sua aceitação, mas evidenciamos que ele vem mitigado sob um enquadre de brincadeira.

Encontramos, portanto, nestes três segmentos, algumas pistas que colaboram para a construção do

humor na interação tais como escolhas lexicais, construção de imagens e imitação, repetição, riso, entonação. Observamos também que o humor pode ter funções importantes nessas interações entre esses amigos. Com o humor, os participantes laminam, propositalmente, outros enquadres e, assim, encobrem pedidos mais difíceis de serem feitos talvez na tentativa de preservar a boa qualidade do relacionamento que mantem e desejam manter.

Cabe ainda mencionar que o amigo suíço não participa desses momentos, o que talvez indique que ele não compartilhe algumas das convenções interacionais e culturais desse grupo de amigos cariocas.

## Conclusão

Neste artigo, tivemos como objetivo analisar a co-construção do humor conversacional entre amigos, quando estes se reúnem socialmente em encontros informais de degustação.

Levamos em conta, na análise dos dados, as contribuições sequenciais dos participantes na definição da interação, observando as pistas de contextualização na construção dos enquadres da brincadeira.

Considerando os enquadres simultâneos acidentais, *na interação entre médica, paciente, mãe e alunos* (Tannen e Wallat, 2002 [1987]), e os enquadres simultâneos intencionais de pais interagindo com crianças (Gordon, 2008), demonstramos que as mudanças intencionais de enquadres podem ser também encontradas na construção do humor em interações de adultos com outros adultos. Além disso, entendemos tratar-se de uma estratégia utilizada pelos adultos, de modo consciente, para atingirem outros fins interacionais.

Neste artigo, evidenciamos, nos segmentos analisados, que (i) o humor co-construído pode funcionar como uma lâmina que encobre pedidos, (ii) os participantes, adultos, estão cientes de suas habilidades de manipularem enquadres, usando simultaneamente a brincadeira e outro enquadre e (iii) os pedidos encobertos pelo humor não são necessariamente atendidos.

Entendemos, assim, que a brincadeira pode construir e facilitar outras ações comunicativas, preservando as relações interpessoais. Além disso, a brincadeira parece dar ao assunto um tratamento leve e coerente na interação entre amigos. Acreditamos que, quando ela ocorre, as barreiras sociais, mesmo numa interação simétrica, cedem para dar espaço a trocas interacionais menos regradas por normas sociais.

Acreditamos que este estudo contribua também para que se conheça uma das manifestações do comportamento verbal, sociointeracional, de um grupo de amigos, cariocas, que constrói o humor para encobrir pedidos em encontros informais, sinalizando traços culturais que emergem nas relações desse grupo.

## Referências

- ATTARDO, S. 1996. Humor theory beyond jokes: The treatment of humorous texts at large. In: J. HULSTJIN; A. NIJHOLT (eds.), *Automatic Interpretation and Generation of Verbal Humor*. Enschede, University of Twente, p. 87-101.
- ATTARDO, S. 2001. *Humorous texts: A semantic and pragmatic analysis*. Berlin/New York, Mouton de Gruyter, 238 p.
- BATESON, G. 2002 [1972]. Uma teoria sobre brincadeira e fantasia. In: B.T. RIBEIRO; P.M. GARCEZ (eds.), *Sociolinguística Interacional*. São Paulo, Edições Loyola, p. 85-105.
- BERGSON, H. 1983. *O riso: ensaio sobre o significado do cômico*. Rio de Janeiro, Zahar, 99 p.
- COATES, J. 2007. Talk in a play frame: More on laughter and intimacy. *Journal of Pragmatics* 39:29-49. <http://dx.doi.org/10.1016/j.pragma.2006.05.003>
- CRAWFORD, M. 2003. Gender and humor in social context. *Journal of Pragmatics* 35:1413-1430. [http://dx.doi.org/10.1016/S0378-2166\(02\)00183-2](http://dx.doi.org/10.1016/S0378-2166(02)00183-2)
- DAVIES, C.E. 2003. How English-learners joke with native speakers: an interactional sociolinguistic perspective on humor as collaborative discourse across cultures. *Journal of Pragmatics* 35:1361-1385. [http://dx.doi.org/10.1016/S0378-2166\(02\)00181-9](http://dx.doi.org/10.1016/S0378-2166(02)00181-9)
- GOFFMAN, E. 2002 [1981]. Footing. In: B.T. RIBEIRO; P.M. GARCEZ (eds.), *Sociolinguística Interacional*. São Paulo, Edições Loyola, p. 107-148.
- GOFFMAN, E. 1974. *Frame Analysis*. New York, Harper & Row, 586 p.
- GORDON, C. 2008. A(p)parent play: Blending frames and reframing in family talk. *Language in Society* 37:319-349. <http://dx.doi.org/10.1017/S0047404508080536>
- GUMPERZ, J. 1982. *Discourse strategies*. Cambridge, Cambridge University Press, 225 p. <http://dx.doi.org/10.1017/CBO9780511611834>
- GUMPERZ, J.J. 1971. *Language in social groups*. Stanford, Stanford University Press, 366 p.
- GUMPERZ, J.J. 2002 [1982]. Convenções de contextualização. In: B.T. RIBEIRO; P.M. GARCEZ (eds.), *Sociolinguística Interacional*. São Paulo, Edições Loyola, p. 149-182.
- KERBRAT-ORECCHIONI, C. 2000. Quelle place pour les émotions dans la linguistique de XXe siècle? Remarques et aperçus. In: C. PLANTIN; M. DOURY; V. TRAVERSO (orgs.), *Les émotions dans les interactions*. Lyon, Presses Universitaires de Lyon, p. 33-74.
- KOTTHOFF, H. 2003. Responding to irony in different contexts: on cognition in conversation. *Journal of Pragmatics* 35:1387-1411. [http://dx.doi.org/10.1016/S0378-2166\(02\)00182-0](http://dx.doi.org/10.1016/S0378-2166(02)00182-0)
- NORRICK, N. 2003. Issues in conversational joking. *Journal of Pragmatics* 35:1333-1359. [http://dx.doi.org/10.1016/S0378-2166\(02\)00180-7](http://dx.doi.org/10.1016/S0378-2166(02)00180-7)
- NORRICK, N. 1986. A frame-theoretical analysis of verbal humor: Bisociation as schema conflict. *Semiotica* 60:225-245. <http://dx.doi.org/10.1515/semi.1986.60.3-4.225>
- POSSENTI, S. 1987. A imposição da leitura pelo texto: casos de humor. *Cadernos de estudos linguísticos*, 15:111-116.
- RASKIN, V. 1985. *Semantic mechanisms of humor*. Dordrecht, D. Reidel, 308 p.
- RIBEIRO, B.M.T.; HOYLE, S.M. 2002. Frame analysis. *paLavra*, 8:36-53.
- ROSAS, M. 2003. Por uma teoria da tradução do humor. *D.E.L.T.A – Revista de Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, 19:133-161. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-44502003000300009&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502003000300009&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 20/12/2010.
- SACKS, H.; SCHEGLOFF, E.; JEFFERSON, G. 1974. A simplest systematics for the organization of turn taking for conversation. *Language*, 50:696-735. <http://dx.doi.org/10.2307/412243>
- SCHIFFRIN, D. 1987. *Discourse markers*. Cambridge, Cambridge University Press, 364 p.
- SCHULTZ, J.; FLORIO, S.; ERICKSON, F. 1982. Where's the floor? Aspects of the cultural organization of social relationships in communication at home and in school. In: P. GILMORE; A. GLATTHORN (eds.), *Children in and out of school*. Washington, CAL, p. 88-123.
- SPERBER, D.; WILSON, D. 1981. Irony and the use-mention distinction. In: P. COLE (ed.), *Radical Pragmatics*. New York, Academic Press, p. 295-318.
- STALLONE, L. 2009. *O humor conversacional entre amigos – uma abordagem interacional*. Rio de Janeiro, RJ. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 103 p.
- STRAEHLE, C. 1993. “Samuel?” “Yes, dear?": Teasing and conversational rapport. In: D. TANNEN (ed.), *Framing in Discourse*. New York, Oxford University Press, p. 210-230.
- TANNEN, D. 1989. *Talking voices, repetition, dialogue, and imagery in conversational discourse*. Cambridge, Cambridge University Press, 240 p.
- TANNEN, D. *Conversational Style: Analyzing Talk among Friends*. Norwood, Ablex, 244 p.
- TANNEN, D.; WALLAT, C. 1987. Interactive frames and knowledge schemas in interaction: examples from a medical examination/interview. *Social Psychology Quarterly*, 50(2):205-216. <http://dx.doi.org/10.2307/2786752>
- TANNEN, D.; WALLAT, C. 2002 [1987]. Enquadres interativos e esquemas de conhecimento em interação exemplos de um exame/consulta médica. In: B.T. RIBEIRO; P.M. GARCEZ (eds.), *Sociolinguística Interacional*. São Paulo, Edições Loyola, p. 183-214.
- TRAVAGLIA, L.C. 1990. Uma introdução ao estudo do humor pela linguística. *D.E.L.T.A. - Revista de Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, 6:55-82.

Submissão: 23/06/2010

Aceite: 04/07/2011

**Clarissa Rollin Pinheiro Bastos**

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro  
Rua Marques de São Vicente, 225  
22451-041, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

**Leticia Rezende Stallone**

Universidade Federal Fluminense  
Campus do Gragoatá, Bloco B e C, São Domingos  
24210-200, Niterói, RJ, Brasil

## ANEXO

## Convenções de transcrição

[colchetes]	fala sobreposta
(0.5)	pausa em décimos de segundo
(.)	micropausa de menos de dois décimos de segundo
.	descida de entonação
?	subida de entonação
,	entonação contínua
::	alongamento de som
-	auto-interrupção
MAIÚSCULA	ênfase acentuada
°	fala mais baixa imediatamente após o sinal
°palavras°	trecho falado mais baixo
↑	subida acentuada na entonação, mais forte que os dois pontos sublinhados
↓	descida acentuada na entonação
>palavras<	fala comprimida ou acelerada
<palavras>	desaceleração da fala
hahah	riso normal
HAHAHA	riso debochado

As convenções de transcrição incorporam símbolos da Análise da Conversa (Sacks *et al.*, 1974) e símbolos sugeridos por Schiffrin (1987), Tannen (1989).